

RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS DOS APOIOS PEDAGÓGICOS AO ACOMPANHAREM ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO MUNICÍPIO DE JABOATÃO DOS GUARARAPES

Filipe Lourenço Nogueira da Silva ¹
Josivan Washington Marinho dos Santos ²
Maria Aparecida Bezerra de Arimatéia Pessoa ³

RESUMO

A inclusão de crianças com deficiência e com transtornos do espectro autista (TEA) na sala de aula regular é desafiadora em vários cenários educacionais por todo o globo, porém não deve ser vista como um desafio inalcançável. Este texto foi construído pela iniciativa dos apoios pedagógicos da Escola Municipal Divina Providência em Jaboatão dos Guararapes – Pernambuco em comunicar suas vivências ao acompanharem estudantes com TEA na escola e sala de aula regular. O Relato de Experiência está estruturado com etapas diferenciadas sobre os dois discentes, garantindo a individualidade dos fatos em relação a cada estudante. A primeira criança que frequentava o infantil 5 “B”, no turno da tarde e apresentava dificuldades em relação as atividades de sala e em sua praxia fina levando os apoios junto com a professora regente a se utilizarem de negociações, entre atividades e brinquedos para estimular o estudante a participar das atividades, também o brincar com massinhas de modelagem, para que fortalece o tônus da mão do discente e facilitando a participação na execução delas. O segundo estudante frequentava o 2º ano “B”, no turno da manhã e tinha dificuldades em socializar com o ambiente escolar e de interagir com os colegas de turma, primeiramente, foi feita uma exploração no ambiente escolar, esta dinâmica teve a duração em torno de quatro meses, para que o estudante se habituasse na escola, já em sala a socialização com os colegas era trabalhada usando seus reforçadores e trazendo um coleguinha para ele fazer contato visual explicando quem estava em sua frente, com esta mediação acontecendo constantemente, tivemos resultados excelentes, pois começou interagir a seu modo com a sala e colegas. É notório o impacto que as estratégias que os apoios tiveram junto com a professora regente no processo de inclusão dos discentes com o TEA no âmbito escolar.

Palavras-chave: Relato de Experiência, Educação Inclusiva, Apoio Pedagógico, Transtorno do Espectro Autista

INTRODUÇÃO

A inclusão de crianças com deficiência e com transtornos do espectro autista (TEA) na sala de aula regular é desafiadora em vários cenários educacionais por todo o globo, porém não deve ser vista como um desafio inalcançável. A sala de aula inclusiva segundo Rapoli e

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, nogueira2001@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, josivanmarinhosantos@gmail.com;

³ Professora orientadora: Professora Titular da Sala de Recursos Multifuncionais na Escola Municipal Divina Providência – Jaboatão dos Guararapes/PE, aparecida.arimateia@gmail.com.

colaboradores (2010, p. 7) rompe paradigmas e contestam sistemas educacionais, construindo um ambiente educacional inclusivo que se fundamenta:

“em uma concepção de identidade e diferenças, em que as relações entre ambas não se ordenam em torno de oposições binárias (normal/especial, branco/negro, masculino/feminino, pobre/rico). Neles não se elege uma identidade como norma privilegiada em relação às demais.” (RAPOLI *et al.*, 2010, p. 7).

Garantindo, em seus ambientes, o direito a diferença e a escola como espaço de todos. Construindo conhecimento e interações respeitando as capacidades e potencialidades de seus atores educacionais.

Estudantes com TEA que para este trabalho são essenciais, também compõem essa diferença que a escola inclusiva defende. Segundo Silva (2018, p. 3) “O TEA é caracterizado por déficits na comunicação ou interação social, padrões restritos ou repetidos de comportamento, interesses ou atividades”. O espectro é uma categoria única, se apresentando em diferentes níveis, o que requer dos profissionais de educação um olhar minucioso para o trato em relação as interações e atividades pedagógicas (FILHO & CUNHA, 2010).

Para tal, os apoios pedagógicos neste cenário são importantes atores na inclusão de crianças dentro do espectro, como mencionado por Mendonça e Neto (2019, p. 12) ao destacarem que quando existe a atuação deste profissional em parceria com o professor regente, os estudantes acompanhados se desenvolvem na sala de aula regular. Reafirmando ainda segundo Mendonça e Neto a importância destes quando, “uma vez que sua atuação faz com que os alunos assistidos possam acompanhar os demais alunos nos conteúdos ministrados pelo professor regente e assim se sintam mais confiantes e motivados para continuarem na escola regular, onde é o seu lugar de direito” (2019, p. 12).

Este texto foi construído pela iniciativa dos apoios pedagógicos da Escola Municipal Divina Providência em Jaboatão dos Guararapes – Pernambuco em comunicar suas vivências ao acompanharem estudantes com TEA na escola e sala de aula regular. Estas vivências se configuram no caráter científico ao serem compartilhadas no formato de Relato de Experiência que busca se fundamentar nas produções acadêmicas que refletem os fatos narrados, assim como as observações feitas em sala, ações desenvolvidas pela professora regente em conjunto com os apoios e registros diários de atividades realizadas com as crianças.

O Relato se configura contando os fatos sobre dois estudantes de salas e horários distintos acompanhados pelos apoios pedagógicos da escola. O primeiro estudante frequentava

o infantil 5 “B”, no turno da tarde e no relato será descrito em três etapas: “Atividades em sala” que abordaremos como foi a aplicação das atividades delegadas pela professora regente para o apoio pedagógico com o discente, em seguida as “Atividades para desenvolver a parte motora”, que nesta etapa trabalhamos o desenvolvimento da coordenação motora fina e “Regulações das emoções” apresentaremos as dificuldades e ações que tomamos quando o estudante apresentava um comportamento de desorganização. Já com o segundo estudante, este que frequentava o 2º ano “B” no turno da manhã, também foi relatado os fatos em três etapas: “Socialização geral” contaremos as estratégias para o reconhecimento do espaço escolar comum pelo estudante; “Interação” abordaremos a interação do estudante com o restante da turma e “Estímulos sensoriais” no qual trabalhamos atividades para desenvolver os sentidos do discente.

METODOLOGIA

Este trabalho apresenta um caráter qualitativo pois proporciona “uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas” como menciona André (1995, p. 15). Já que neste texto buscou-se descrever os fatos vivenciados na sala de aula regular.

A metodologia que pautou a descrição dos fatos foi o Relato de Experiência (RE) abordada nos preceitos de Daltro e Farias (2019, p. 14) caracterizado como uma síntese provisória que pode ser analisada e reelaborada, mas sempre buscando a produção de novos saberes. Para estas autoras o RE se constitui como uma “narrativa que, simultaneamente, circunscreve experiência, lugar de fala e seu tempo histórico, tudo isso articulado a um robusto arcabouço teórico, legitimador da experiência enquanto fenômeno científico”.

O relato de experiência teve como local de pesquisa a escola Divina Providência, localizada no município de Jaboatão dos Guararapes no estado de Pernambuco. Apresenta como protagonistas os apoios pedagógicos que executaram as ações para inclusão e os estudantes com TEA. Para fundamentar este RE se utilizou das formações, oferecidas pelo município, para os apoios que acompanhavam alunos autistas, orientações em exercício oferecidas pelas professoras do atendimento educacional especializado (AEE) e professoras regentes da sala regular, como também os registros diários das atividades realizada pelos estudantes.

Os discentes acompanhados neste relato são de turmas diferentes. A primeira criança que frequentava o infantil 5 “B”, no turno da tarde, possui seu laudo dentro do transtorno espectro autista, somado a isto, apresenta também comorbidades, sendo elas: o transtorno

déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e transtorno do desenvolvimento da linguagem (TDL). A segunda criança que frequentava o 2º ano “B”, no turno da manhã, em seu laudo possui somente TEA com o nível de suporte 3.

O RE será estruturado com etapas diferenciadas sobre os dois discentes, para primeiro estudante iremos explicitar as seguintes etapas: “Atividades em sala” que abordaremos como foi a aplicação das atividades delegadas pela professora regente para o apoio pedagógico com o discente, em seguida, iremos abordar sobre as “Atividades para desenvolver a parte motora”, que nesta etapa trabalhamos o desenvolvimento da coordenação motora fina e, por fim, as “Regulações das emoções” apresentaremos as dificuldades e ações que tomamos quando o estudante apresentava um comportamento de desorganização.

Em relação ao segundo discente apresentaremos etapas a seguir: “Socialização geral” contaremos as estratégias para o reconhecimento do espaço escolar comum pelo estudante; “Interação” abordaremos a interação do estudante com o restante da turma e, por fim, “Estímulos sensoriais” no qual trabalhamos atividades para desenvolver os sentidos do discente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O RE teve como campo de estudo a escola Divina Providência, localizada na região urbana, no bairro de Cajueiro Seco. A infraestrutura da escola é bem acessível, nesta conta com uma sala de recurso multifuncionais (RSM), possuindo turmas do infantil, com seis salas, e ensino fundamental anos iniciais, representando um total de doze salas.

O primeiro o estudante apresentava comportamentos inadequados em sala de aula, ou seja, birras, não tinha controle de suas emoções e por estar em seu laudo TDAH, não conseguia ficar sentado em sua cadeira e não tinha concentração em suas atividades de classe. Ademais, a primeira interação, que os apoios pedagógicos tiveram com o discente, perceberam que ele era carinhoso, e era uma criança que tinha obediência com os professores. Os primeiros contatos com a sala de aula, o discente apresentou muita dificuldade para ficar dentro da sala e resistência em fazer as atividades que a professora regente disponibilizava, pois entendia que a sala em que ele estava era somente para brincar, contudo, foi trabalhado com o estudante uma rotina simples, que explicava como seria o dia na escola e como ele deveria se comportar em sala de aula, como esclarece Machado (2019, p. 4) quando diz que:

“estabelecer uma rotina e antecipação visual para que ela possa orientar-se e preparar-se para as atividades e eventos na escola, mostrar-lhe visualmente como se comportar por meio de regras da sala, fazer um planejamento pautado em atividades voltadas para as suas potencialidades e possibilidades cognitivas e sensoriais também são atitudes muito úteis.” (MACHADO, 2019, p. 4)

Atividades em sala

O educando estando em sala de aula, já se direcionava para a caixinha de brinquedos e não queria sentar-se para esperar a hora de brincar ou de fazer as atividades do dia. O discente, tinha resistência ao fazer as atividades e quando era contrariado apresentava uma conduta de desorganização, começava a fazer birras e dar gritos. Ao analisar seu o comportamento, com relação as atividades, do porquê de não querer fazê-las, os apoios pedagógicos notaram que elas não eram adaptadas para a criança resultando em suas desorganizações. Assim como mencionado por Gallo (2016, p. 44) ao concluir que atividades sem adaptações que levassem em consideração a especificidade do estudante causam várias reações desconfortáveis ao estudante, como menciona em seu trabalho o caso de Pedro que “as atividades oferecidas a ele eram sempre exatamente as mesmas oferecidas ao restante dos alunos, Pedro não demonstrava interesse nestas atividades, estava sempre se levantando, correndo ou chorando.”

Entretanto, os apoios pedagógicos junto com a professora regente, se utilizaram de negociações, entre atividades e brinquedos, ou seja, cada vez que ele terminava uma atividade ele poderia pegar um brinquedo da caixinha, caso ele tivesse a resistência e não fazer, ele perderia o brinquedo. Caracterizando essa estratégia como utilização de reforçadores proveniente da ciência ABA que foi desenvolvida a partir dos estudos de Skinner, a Análise do Comportamento. A ABA, neste caso, “contribui para criar estratégias de intervenção, que propiciem o maior desenvolvimento e, até mesmo, o comportamento adaptativo, através do uso de reforçadores.” (NASCIMENTO & SOUZA, 2018, p. 21).

Somado aos reforçadores, os brinquedos, iniciou-se a adaptação das atividades para o nível e interesse do estudante. A adaptação das atividades teve como ponto inicial trazer nelas desenhos que a criança gostava, para que o discente fizesse sua pintura ou contornasse o desenho.

Ademais, tinham algumas tarefas de classe que o estudante não conseguia acompanhar, neste acaso, o apoio pedagógico junto com a professora aplicava atividades diferenciadas, ou seja, lúdicas, para que o educando compreendesse da melhor maneira o conteúdo. Para reforçar o comportamento do educando com intuito de que ficasse sentado era usado um brinquedo, mas

ele só poderia brincar com ele quando acabasse a tarefa, também foi explicado ao estudante que ele teria cinco minutos para aproveitar o brinquedo, porque depois seria aplicada outra atividade e ele poderia escolher outro objeto e brincar. Com estas mediações e negociações o estudante conseguia realizar três atividades diárias.

Atividades para desenvolver a parte motora fina

O discente além de apresentar rejeições as atividades ele tinha uma alta dificuldade para manusear lápis, tesouras e até as atividades mais simples, pintar. Por não conseguir manusear o lápis, o estudante não conseguia fazer as atividades e ficava se lamentando por não conseguir, e como consequência tinha as desorganizações. Portanto, quando os apoios pedagógicos observaram esse episódio do aluno, tiveram uma conversa com a professora para que se construíssem atividades que estimulasse o discente a desenvolver esses movimentos da coordenação motora fina.

As atividades que ajudaram o estudante a ter a habilidade de usar o lápis e conseguir pintar e conseguir fazer as atividades foi brincar com massinhas de modelagem, para que fortalece o tônus da mão do discente e fazer pinturas com o próprio dedo da mão para desenvolver as habilidades do espaço do desenho. Fazendo com mais frequências essas atividades com estudante ele conseguiu obter as habilidades com os lápis e pintura, e cada vez que ele conseguia terminar atividade era posto para ele atividades para reforça ainda mais o seu desenvolvimento motor como concluiu Negreiro, Sousa e Moura (2018, p. 20) ao destacarem que o trabalho psicomotor para os movimentos da coordenação motora fina é fundamental no desenvolvimento integral do indivíduo.

Regulações das emoções

Como foi comentado acima, o estudante tinha desorganizações para fazer as atividades e por não conseguir conclui-las. E isto causava muitas frustrações no estudante, fazendo com que o seu emocional ficasse abalado. Esta parte das emoções foi trabalhado com o discente colocando atividade similares aos dos coleguinhas, para que estudante não se sentisse excluído das atividades. Tinham algumas atividades que a criança conseguia fazer e concluir, mas, tinham outras que para ele se tornavam uma “tortura”.

Quando o estudante começava a reclamar das atividades, os professores de apoio junto com a professora regente, tentavam contornar a atividade, fazendo uma atividade similar, ou seja, atividades que sejam do nível do aluno, tarefas adaptadas; fazendo com que o discente não

se desorganizasse e que não ficasse de cabisbaixo. Com essas mediações nas atividades adaptadas e ajudando a entender suas emoções, o estudante conseguiu controlar suas inquietações na sala de aula e a se desenvolver suas habilidades.

O estudante também apresentava sensibilidade ao barulho, quando os coleguinhas falavam alto ou quando a professora reprendia a sala com gritos, isto causava na discente desorganização. A maneira como foi trabalhado isso no estudante foi no primeiro momento retirar ele da sala de aula e levá-lo para a sala de recurso multifuncionais (SRM), para que a criança se acalmasse. Em seguida, era explicado aos discentes que estavam em sala, para não fazerem barulho, porque o coleguinha se incomodava. E foi conversado com a professora regente que procurasse outra maneira de fazer repreensão na sala, os apoios sugeriram que cantasse uma música para as crianças percebessem que era para fazer silêncio. Fazendo essa mediação com os estudantes da sala e com a professora fez com que o discente se sentisse bem na sala de aula e diminuísse as desorganizações relacionadas ao barulho.

O segundo discente tem o nível de suporte três e quando chegava na instituição escolar, tinha com muita frequência desorganizações. Não queria entrar na escola, tinha muita resistência com os apoios pedagógicos e todos os funcionários da instituição, para que o estudante se habituasse na escola, foi preciso fazer caminhadas com o discente por toda a instituição escolar. Ademais, a criança teria que entrar dentro da sala regular para fazer as atividades, mas, o discente não queria ficar em sala e nem ter interações com os colegas. O discente na primeira interação, mostrou ser muito carinhosos, pois pega as mãos dos apoios pedagógicos ou da professora e colocava em sua cabeça para que pudéssemos lhe acariciar, para o discente lhe trazia calma e a sensação de estar seguro.

Socialização geral

O estudante quando começou a frequentar a escola não queria socializar com o ambiente. Tinha muitas desorganizações e se dirigia sempre para a portaria da escola para ir embora. A maneira como os apoios pedagógicos tiveram uma intervenção, primeiramente, foi fazer uma exploração no ambiente escolar, esta dinâmica teve a duração em torno de quatro meses, para que o estudante se habituasse na escola. O passo seguinte para socialização escolar, foi levar o discente para a sala de recursos multifuncional (SRM), para que o estudante tivesse ambientação de uma sala de aula.

Depois que o discente se habituou na instituição, a seguinte atitude dos apoios pedagógicos foi levá-lo para sala de aula, para que pudesse fazer as atividades da sala regular e

fazer interações com os colegas. Para que o discente percorresse até a sala de aula, foi necessário usar seu reforçador, que é a comida.

Ademais, quando o estudante foi levado para a sala regular, o discente não ficava. Para que ele ficasse com uma alta permanência foi necessário usar muito do seu reforçador, mas quando acabava, os apoios pedagógicos não consegui manter a permanência da criança na sala de aula. Contudo, começou todo um preparatório com os estudantes, explicando os comportamentos que o discente iria ter na adaptação na sala regular, tiveram modificações na sala regular deixando-a com mais espaço, para o estudante ficasse mais vontade para frequentar a sala de aula. Com toda essa adaptação foi possível ter a permanência do discente.

Interação com os colegas

Quando o discente fica com mais frequência em sala de aula os apoios pedagógicos juntamente com a professora regente começaram a fazer a estimulação para ele fazer contato com seus colegas e os colegas com o discente. No início dessa interação com a turma, o estudante começou a fazer suas desorganizações, não querendo fazer a interação, ou seja, ele não queria fazer socialização com seus colegas de sala de aula. O discente não é oralizado, portanto, foi trabalhado com ele cada estudante da sala regular.

A socialização com os colegas era trabalhada usando seus reforçadores e trazendo um coleguinha para ele fazer contato visual e explicando que era. Esse processo teve duração de um mês, para que o estudante se situasse com seus colegas. Com essa mediação acontecendo constantemente, teve resultados excelentes, pois o estudante começou a fazer a socialização com sala e com os colegas. O método usado foi apresentar imagens dos colegas, mas como os discentes estavam na sala, ficou mais fácil para o estudante fazer a socialização.

Estímulos sensoriais

O educando quando começou a fazer o processo de inclusão, mostrou que tinha uma grande necessidade em estímulos sensoriais. Ele gostava do baralho das folhas das árvores que tem na escola, o toque em seu cabelo e fazer movimentos para ter sentido vestibulares e proprioceptivo. Portanto, as atividades para o discente eram elaboradas para os estímulos sensoriais, em seguida, era proposto outra atividade.

Contudo, as atividades praticadas eram para desenvolver os estímulos sensoriais e com o principal objetivo de ensinar o aluno a controlar suas desorganizações, a birra e para fazer as atividades que a professora disponibiliza para o estudante. No final desse processo que teve a

duração seis meses, o discente conseguiu ter a socialização geral da instituição escolar, aprendeu a ter interação com os colegas e desenvolver seus estímulos sensoriais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório o impacto que as estratégias que os apoios pedagógicos tiveram junto com a professora regente no processo de inclusão dos discentes com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) no âmbito escolar. Visto que os apoios pedagógicos e professora tiveram toda a preocupação para que os estudantes participassem das atividades escolar e de terem feito a inclusão destes discentes.

É importante salientar que o processo de inclusão deve ser estimulado para se combater a exclusão, principalmente nas instituições escolares. Reconhecemos as dificuldades para que juntos pudéssemos fazer ações para incluir as pessoas com deficiência na sociedade. Ademais, o processo de inclusão do estudante foi relativamente pequeno, mas não nega a evolução que o discente adquiriu, foi excelente a forma de inclusão escolar para que o estudante tivesse acesso a educação e assim desenvolver as suas habilidades sociais.

Acreditamos assim, que a construção desse trabalho acadêmico possa contribuir para comunicar a comunidade que a inclusão deve ser evidenciada nos debates escolares para que os estudantes com deficiências possam ser incluídos no processo educativo do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer à Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes-PE, por ter nos dado o privilégio de participar das inclusões dos estudantes com deficiência, a toda equipe de funcionários da Escola Municipal Divina Providência que indiretamente ou diretamente contribuíram para esse processo de inclusão escolar, ademais, agradeço as professoras da sala de recursos Maria Aparecida e Nádia Maria por suas orientações e suporte nessa caminhada inclusiva, e por último gostaria de agradecer as professoras regentes da sala em que acompanhamos os educandos, professora Jéssica Matias e Maisa da Silva, por toda as suas parcerias que nos proporcionou em sala de aula e, por fim, levamos esse grande aprendizado no peito e as grandes parceiras que fizemos nessa jornada.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995, 128 p.
- DALTRO, M. R; FARIA, A. A. de. **Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade**. Estudos e pesquisas em psicologia, v. 19, n. 1, 2019, 16 p. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451859860013/451859860013.pdf>. Acessado em: 02 fev. 2023.
- FILHO, J. F. B.; CUNHA, P. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. Transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. 40 p. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/43219>. Acessado em: 06 mar. 2023.
- GALLO, G. C. **Ações de professores de escolas regulares com crianças com transtorno do espectro autista**. Repositório Institucional UFSCar (Dissertação de Mestrado) 2016. 100 p. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8083>. Acessado em: 23 abr. 2023.
- MACHADO, G. D. S. **A importância da rotina para crianças autistas na educação básica**. Revista Gepesvida, v. 5, n. 10, 2019. 15 p. Disponível em: <http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida/article/view/337>. Acessado em: 23 abr. 2023.
- MENDONÇA, A. A. dos S; NETO, W. G. **Educação Inclusiva: a atuação do professor de apoio**. Poiesis Pedagógica, v. 17, n. 1, 2019, 15 p. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/57909/35078>. Acessado em: 07 abr. 2023.
- NASCIMENTO, G. A; SOUZA, S. F. de. **A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA): possibilidades de intervenção psicopedagógica através da Análise do Comportamento Aplicada**. Paidéia, 2018. 23 p. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/6322>. Acessado em: 23 abr. 2023.
- NEGREIROS, F; SOUSA, C. M. de; MOURA, F. K. L. G. de. **Psicomotricidade e práticas pedagógicas no contexto da Educação Infantil: uma etnografia escolar**. 2018. 22 p. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducaoemancipacao/article/view/8910/5399>. Acessado em: 14 mai. 2023.
- ROPOLI, E. A. et al. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar. A escola comum inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação,



Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010. 51 p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/43213>. Acessado em: 06 mar. 2023.

SILVA, M. F. B. da. **Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista-TEA Definição de critérios e considerações sobre a prática.** Diagnóstico, 2018, 15 p. Disponível em: <https://ipog.edu.br/wp-content/uploads/2020/11/marcia-fernandes-borges-da-silva-psflo002-1211541.pdf>. Acessado em: 09 abr. 2023.